

CONSELHO EDITORIAL
Bianca Oliveira
João Peres
Leonardo Garzaro
Tadeu Breda

EDIÇÃO

Tadeu Breda

PREPARAÇÃO

Fabiana Medina

REVISÃO

Cacilda Guerra

Letícia Féres

PROJETO GRÁFICO & DIAGRAMAÇÃO

Flávia Castanheira

DIREÇÃO DE ARTE

Bianca Oliveira

ASSISTÊNCIA DE ARTE

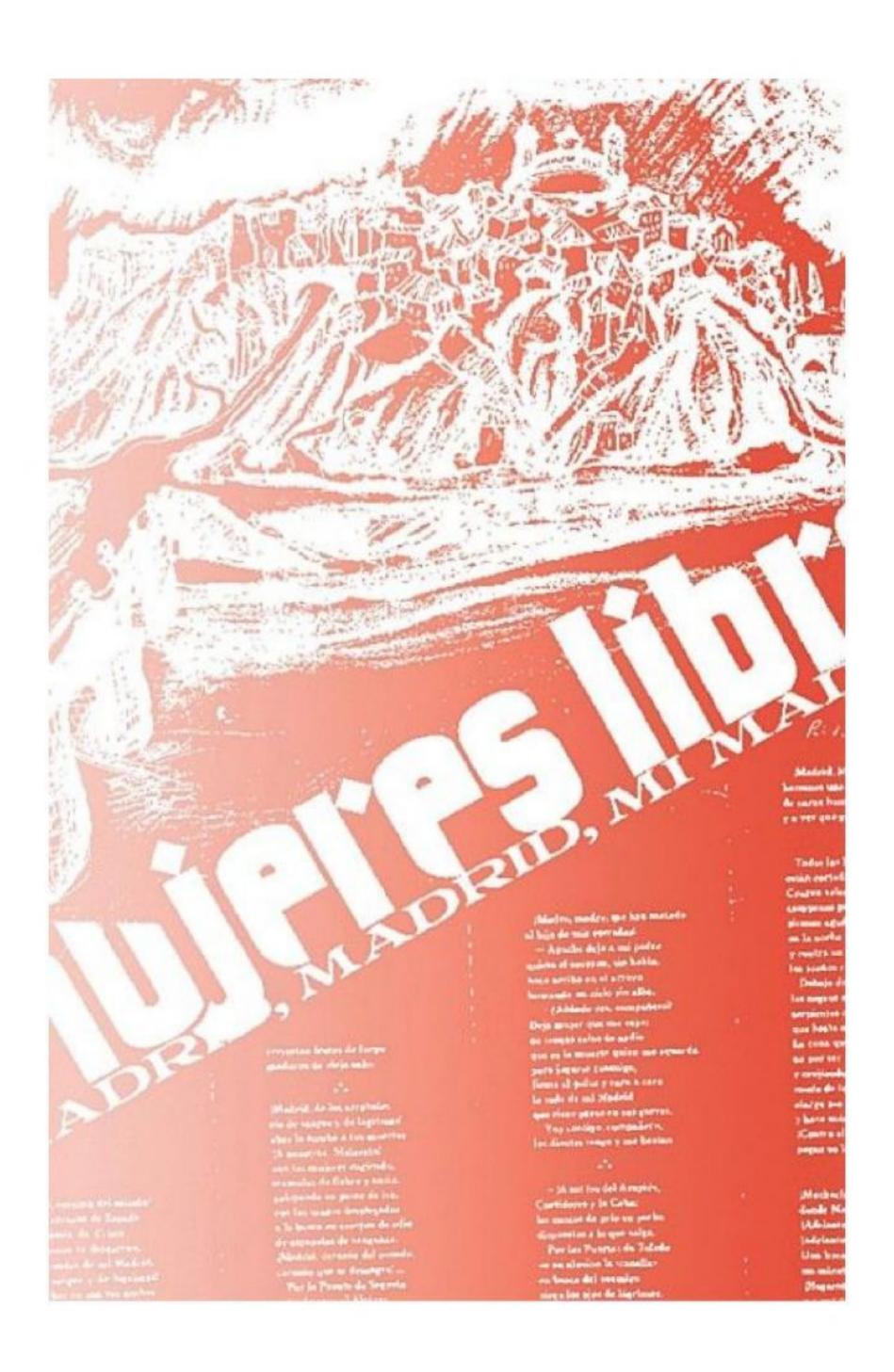
Denise Matsumoto

FOTO DA CAPA

STF/AFP/Getty Images

Núm. 2 SUMA ENTERIA. -Alabantas al Metro made. leno, por Nelly White Sonatomer or ormissio, Un cliente: el Celoso, por Han Diind Aware La cunta revolución, por Merculy Comaposada - Problemas sanita rios y maternidad consciente, on lare-Perz li rganzo Algo sobre corducación, por La a Vi Carrillo - Vrinte pings de paicologia femienina a traves de una profesion, por Lucia Sanchez Sagrari - Jornades de lucha. El nino sano, por Amario Paris Carried Li Hearth Com Marke Un peco de historia, por Par. Citatas vacorsiar: Elisabeth Bergoer, per M. C. La fite cont SISTRE LUGGE TURR Y DECUMENTALIO

Às companheiras da Mulheres Livres, em solidariedade. A luta continua.



Punho em riste, mulheres da Ibéria Em direção a horizontes prenhes de luz Por rotas ardentes, Os pés na terra A face no azul

Afirmando promessas de vida Desafiamos a tradição Modelamos a argila quente De um mundo que nasce da dor

Que o passado se afunde no nada! O dia de ontem não nos importa! Queremos escrever de novo A palavra MULHER

Punho em riste, mulheres do mundo Em direção a horizontes prenhes de luz, Por rotas ardentes Avante, avante Olhando para a luz.

Hino da Mulheres Livres Lucía Sánchez Saornil, Valência, 1937

Puño en alto mujeres de Iberia / Hacia horizontes preñados de luz / Por rutas ardientes, / Los pies en la tierra / La frente en lo azul // Afirmando promesas de vida / Desafiamos la tradición / Modelamos la arcilla caliente / De un

mundo que nace del dolor // !Que el pasado se hunda en la nada! / !Qué nos importa del ayer! / Queremos escribir de nuevo / La palavra MUJER // Puño en alto mujeres del mundo / Hacia horizontes preñados de luz, / Por rutas ardientes / Adelante, adelante / De cara a la luz.

PREFÁCIO À EDIÇÃO BRASILEIRA
PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO ESTADUNIDENSE
INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1

A revolução anarquista e a libertação das mulheres

Dominação e subordinação Comunidade e igualdade Sexualidade e subordinação das mulheres Transformação revolucionária: coerência entre meios e fins

CAPÍTULO 2

Mobilização da comunidade e organização sindical: as mulheres e o movimento anarquista espanhol

Precursores: regionalismo, coletivismo e protesto
Anarquismo, anarcossindicalismo e mobilização popular
A educação como preparação
A educação como empoderamento

CAPÍTULO 3

Guerra civil e revolução social

A República e a Frente Popular Rebelião e revolução Rebelião revolucionária: as milícias Revolução popular e coletivização Consolidação política e contrarrevolução

CAPÍTULO 4

A fundação da Mulheres Livres

O movimento anarcossindicalista e a subordinação das mulheres

Organizando as mulheres: primeiros passos A organização decola

CAPÍTULO 5

A educação para o empoderamento

A preparação como ato revolucionário
Programas educativos
Emprego e programas de aprendizagem profissional
Conscientização e apoio à militância feminina
Maternidade
A educação dos filhos
Sexualidade
Programas para refugiados e serviços sociais

CAPÍTULO 6

Diferentes e iguais? Dilemas da organização revolucionária

As relações com outras organizações de mulheres O movimento libertário

CONCLUSÃO

Comunidade e empoderamento feminino

"Os covardes não fazem a história": um legado de empoderamento
Diferença, diversidade e comunidade
Em direção a uma nova concepção de política

APÊNDICE A

Publicações da Mulheres Livres

APÊNDICE B

Proposta para a criação da fábrica de casamentos

SIGLAS

AGRADECIMENTOS

SOBRE A AUTORA

LISTA DE APOIADORES



Prefácio à edição brasileira

Comecei esta pesquisa muitos anos atrás, num contexto político bastante distinto do atual. Quando este livro foi publicado pela primeira vez, nos Estados Unidos, em 1991, o Muro de Berlim tinha caído havia pouco, a União Soviética estava no mesmo caminho, Nelson Mandela tinha acabado de sair da prisão em Robben Island e o Brasil se recuperava dos anos de ditadura militar. Eram os primórdios das revoluções digital e tecnológica que transformariam as economias pelo mundo, e mal se podia imaginar que assistiríamos a manifestações contra a globalização — a Organização Mundial do Comércio (OMC) sequer tinha sido criada. Havia muito trabalho pela frente para enfrentarmos a desigualdade e a injustiça em todo o mundo, mas, ao mesmo tempo, havia também um sentimento de esperança e uma expectativa por mudanças.

Não vejo nenhuma ironia no fato de que a edição brasileira de Free Women of Spain seja publicada agora, num momento em que tanto o Brasil como os Estados Unidos enfrentam a ascensão de coalizões de direita não tão diferentes daquelas que provocaram a Guerra Civil Espanhola. Apesar dos esforços dos movimentos sociais populares de oposição, em ambos os países candidatos pseudopopulistas tiveram êxito nas eleições

presidenciais ao apelar para os altos níveis de alienação e descrédito dos políticos tradicionais, afirmando que tirariam o país das mãos de elites corruptas que, por muito tempo, foram indiferentes aos problemas da população. Ainda que a eleição de Jair Bolsonaro, em 2018, não tenha sido, talvez, tão inesperada quanto a de Donald Trump, em 2016, o fato é que parece que estamos testemunhando a ascensão de governos autoritários e movimentos neofascistas pelo mundo. Ativistas em ambos os países (e em muitos outros) temem pelo futuro de suas instituições democráticas relativamente novas — e também por aquelas mais antigas — e se perguntam como transformar a agenda pública e o equilíbrio do poder político para começar a recuperar espaços perdidos. Sou extremamente grata à Editora Elefante por garantir a oportunidade de introduzir este livro entre o público brasileiro contemporâneo e por me permitir — e às mulheres da Mulheres Livres contribuir de alguma maneira para o diálogo em curso.

....

A Federación Mujeres Libres — seu nome original — foi fundada na Espanha na década de 1930, época em que a economia do país ibérico ainda era majoritariamente agrícola, o desenvolvimento econômico, bastante desigual, os níveis de analfabetismo, muito altos e as mulheres, sujeitas a muitas restrições religiosas e culturais. Como enfatizo ao longo deste livro, a Mulheres Livres não surgiu no vácuo. Foi criada por mulheres jovens, em sua maioria militantes do movimento anarquista espanhol, o qual tinha uma presença longa e poderosa na sociedade local. Na Espanha industrial, milhões de trabalhadores travaram batalhas ferozes por reconhecimento e respeito. Em 1930, socialistas e anarquistas já haviam

organizado vastos setores da classe trabalhadora. Foi no contexto do movimento anarcossindicalista espanhol que a Mulheres Livres assumiu suas bandeiras — *ao lado* de seus companheiros homens na luta por um mundo melhor e, algumas vezes, *contestando* seus companheiros homens, para serem reconhecidas como parceiras iguais neste mundo.

Ao mesmo tempo, como exploro nos capítulos 3, 4 e 5, a Mulheres Livres foi fundada e cresceu no seio de uma guerra civil revolucionária. O primeiro número de sua revista foi publicado semanas antes das eleições de 1936, quando chegou ao poder a coalizão da Frente Popular. O segundo número apareceu um pouco antes da tentativa de golpe militar que desencadeou a Guerra Civil Espanhola. Ainda que já houvesse grupos de mulheres anarquistas separados dos homens em algumas cidades e vilas durante os anos anteriores, a organização em si foi fundada apenas em agosto de 1937, quando o conflito já tinha mais de um ano e a revolução social deflagrada pela tentativa de golpe já havia recuado significativamente. A Mulheres Livres tinha poucos recursos econômicos e quase nenhum apoio externo; ainda assim, teve êxito em mobilizar — e educar — mais de vinte mil mulheres, a maioria pertencente à classe trabalhadora, e em gerar impacto significativo nas organizações e atividades da esquerda revolucionária.

As questões pelas quais me interessava quando escrevi este livro ainda são relevantes atualmente: quais são os ensinamentos deixados pelas experiências da Mulheres Livres, mesmo num contexto político tão diferente? Como dialogamos com eles?

.....

Este livro foi escrito originalmente para um público estadunidense; meu objetivo era apresentar e explicar a história e as contribuições desse grupo extraordinário de mulheres espanholas às leitoras feministas. Assim, as questões examinadas se enquadram no contexto dos debates e discussões que definiram o ativismo feminista nos Estados Unidos na época da publicação do livro, sobretudo os temas da diversidade/multiculturalismo ou, em outras palavras, de como imaginar ou, ainda mais, alcançar mais igualdade entre as pessoas sem negar ou suprimir as significativas diferenças entre elas. Mesmo que essa discussão seja diferente dos debates feministas em curso no Brasil, penso que este livro pode tornar mais acessíveis aos leitores contemporâneos brasileiros algumas das pautas dos Estados Unidos.

É claro que diferenças significativas existem, não apenas entre o momento atual e o da Espanha na década de 1930, mas também entre o Brasil e os Estados Unidos. Ainda que a desigualdade esteja crescendo em ambos os países, a desigualdade extrema tem sido uma característica mais proeminente na sociedade e na política brasileiras que nas estadunidenses — pelo menos até recentemente. E a corrupção — infelizmente cada vez mais comum sob o governo de Donald Trump — tem sido algo praticamente determinado na política brasileira por muitas décadas. De fato, alegações de corrupção contribuíram poderosamente para a queda do PT e de seus líderes, pavimentando o caminho para a vitória de Bolsonaro. Mais significativo, talvez, tenha sido o fato de o Brasil ter passado por mais de vinte anos de ditadura militar, finalizada há pouco mais de trinta anos, ao passo que os Estados Unidos, mesmo com momentos mais ou menos amplos de controle popular sobre o governo e com muitas pessoas (sobretudo negros, imigrantes e indígenas) tendo seus direitos como

cidadãos negligenciados, nunca vivenciaram uma ditadura militar formal em solo próprio. Também é importante o fato de os Estados Unidos não terem uma história de movimentos anarquistas e socialistas politicamente significantes; com poucas exceções, seu movimento de trabalhadores nunca foi ligado a um partido *político* socialista.¹ O Brasil, por outro lado, tem uma longa história de militância política socialista e trabalhista, assim como uma presença anarquista. No final do século XIX e no começo do XX, havia um movimento considerável de militantes anarquistas espanhóis e brasileiros cruzando o Atlântico.² No momento atual, assistimos a um interesse renovado pelo anarquismo no contexto brasileiro — um interesse que, suspeito, contribuiu para esta presente edição brasileira.³

Contudo, por causa dessas diferenças, o contexto do debate político e das discussões nos Estados Unidos tende a ser muito mais estreito do que nos países da América Latina, além de evitar, quase por completo, enfoques sobre classe social. Ao mesmo tempo — à diferença do Brasil, mas com algumas similaridades —, os Estados Unidos têm se reconhecido historicamente como sociedade multiétnica e multirracial. Isso não quer dizer que a diversidade cultural do país esteja isenta de problemas: como acontecimentos recentes deixam claro, os Estados Unidos estão longe de resolver desigualdades estruturais enraizadas nos "pecados originais" da escravidão negra e do deslocamento forçado e do genocídio da população indígena. Apesar de o termo "caldeirão de culturas" ter definido os Estados Unidos há muitas gerações, o questionamento acerca do que significa ser de fato uma sociedade multiétnica, multirracial e multicultural é central para as discussões da esquerda. O debate preliminar no país sobre esses temas fomentou o contexto dialógico original deste livro.

tempo, organizações de esquerda Ao mesmo contemporâneas — tanto no Brasil como nos Estados Unidos se deparam com um clima político, econômico e cultural bastante hostil. A desigualdade econômica está aumentando quase em todos os lugares e as forças financeiras internacionais exercem grandes pressões contra programas que mitigam as piores consequências dessa desigualdade. De fato, o chamado "ressentimento populista"4 que levou Trump e Bolsonaro ao poder foi movido precisamente pela frustração com a reestruturação econômica e por um sentimento de que as elites políticas dominantes não estavam prestando atenção suficiente naqueles que mais sofrem os efeitos das transformações outras econômicas e tecnológicas. Há similaridades importantes entre os dois países: ambos dividem uma história brutal de escravidão e — de maneiras distintas — têm tido dificuldade em reconhecer os legados duradouros dessa história. Ambos também estão testemunhando um crescimento da influência de grupos religiosos radicais conservadores sobretudo evangélicos protestantes — que usaram sua considerável influência popular para alavancar políticos de extrema direita. Ambos têm assistido a um enfraquecimento dos movimentos de trabalhadores, por meio da combinação corrupção, alegações de corrupção e políticas antitrabalhistas. E ambos têm observado movimentos de mulheres vigorosos, que, apesar de participarem em coalizões de oposição, não conseguiram impedir o deslocamento de seu país em direção à direita — o que ameaça avanços femininos conquistados com dificuldade, como mais igualdade e autonomia.

Em muitos desses aspectos, podemos encontrar paralelos com a situação vivenciada pelos anarcossindicalistas na Espanha e, particularmente, pela Mulheres Livres. A economia

na década de 1930, como já mencionado, caracterizava-se por um desenvolvimento muito irregular e por níveis extremos de desigualdade. A vitória do governo da Frente Popular, em abril de 1936, gerou nos trabalhadores altas expectativas de mudanças e aprofundou o medo dos donos de terras e dos industriais. Enquanto isso, o capital internacional, atemorizado pelas greves e pelas ideias de revolução que emanavam do clamor popular, abandonou o governo legalmente eleito e se alinhou às forças rebeldes de Francisco Franco. A habilidade do governo em desenvolver e implementar políticas para beneficiar a classe trabalhadora, que o apoiava, ficou gravemente limitada. Em regiões onde as organizações de esquerda eram fortes — Catalunha, arredores de Madri, Valência —, os trabalhadores tomaram o controle das fábricas abandonadas pelos patrões e coletivizaram muitas propriedades rurais: tentaram atender a suas próprias necessidades por meio da ação direta.

Nesse contexto, a Mulheres Livres advogou pela incorporação completa e igualitária das mulheres resistência, no projeto revolucionário e no planejamento da sociedade que lutava para construir. Opondo-se àqueles que diziam que o momento não era ideal para se debruçar sobre as questões das mulheres e que elas deveriam esperar pelo "dia seguinte à revolução", insistiu que a única maneira de ganhar a guerra e alcançar os objetivos revolucionários era engajar as mulheres, habilitá-las para que superassem o analfabetismo e a subordinação e para que participassem totalmente da sociedade. O grupo não dependeu — nem poderia depender do governo para realizar suas necessidades de alfabetização, treinamentos e programas de aprendizagem e assistência à infância. Em uma guerra civil de grande escala, elas desenvolveram práticas para criar o mundo em que queriam

viver.⁵ Demandaram de seus companheiros reconhecimento e respeito às suas diferenças como mulheres — e às questões específicas sobre sexualidade, apoio e planejamento para a maternidade, cuidado dos filhos e educação de base generalizada —, mesmo quando insistiam em ser tratadas como membros completamente iguais da comunidade libertária.

Espero que a história da Mulheres Livres e as histórias individuais de algumas de suas militantes possam inspirar aquelas que estão hoje em lugares muito diferentes da Espanha da década de 1930, mas que se deparam com obstáculos aparentemente gigantes, sejam políticos, culturais ou econômicos. Ainda que o mundo delas e o nosso sejam diferentes, sua luta para conquistar reconhecimento e respeito numa sociedade que lhes negou direitos pode ser esclarecedora e instrutiva. Numa época em que pressões pela homogeneidade, pela conformidade e pelo retrocesso das transformações sociais parecem estar em ascendência, podemos, talvez, aprender com aquelas que defenderam a abertura para a mudança e para novos modelos de organização social, mesmo no contexto da guerra civil. Precisamos de toda a ajuda disponível.

Martha A. Ackelsberg Dezembro de 2018

^{1.} O Industrial Workers of the World [Trabalhadores Industriais do Mundo] (IWW), também conhecido como Wobblies, um "sindicato industrial revolucionário", foi fundado em Chicago, em 1905, e alcançou seu maior número de membros e de influência — principalmente nos estados do oeste do país — nas primeiras décadas do século XX. O sindicato se recusou a estabelecer alianças com partidos políticos. Ataques antissocialistas e anticomunistas por parte do governo fizeram com que a maioria das outras organizações sindicais se distanciasse dos partidos políticos socialistas e

comunistas (que nunca foram tão fortes no país).

- 2. Ver, por exemplo, RODRIGUES, Edgar; RAMOS, Renato & SAMIS, Alexandre. Against All Tyranny: Essays on Anarchism in Brazil [Contra toda a tirania: ensaios sobre anarquismo no Brasil]. Tradução e edição de Paul Sharkey. Berkeley: Kate Sharpley Library, 2003; GÓES JR., Plínio de. The Luso-Anarchist Reader: The Origins of Anarchism in Portugal and Brazil [O leitor luso-anarquista: origens do anarquismo em Portugal e no Brasil]. Charlotte: Information Age Publishing, 2017; CAPELLETI, Ángel J. Anarchism in Latin America [Anarquismo na América Latina]. Tradução de Gabriel Palmer-Fernandez. Oakland: AK Press, 2018. Ver também ACKELSBERG, Martha. "It Takes More than a Village! Transnational Travels of Spanish Anarchism in Argentina and Cuba" [É preciso mais que um vilarejo! Viagens transnacionais do anarquismo espanhol por Argentina e Cuba], em International Journal of Iberian Studies, v. 29, n. 3, 2016, pp. 205-23, ainda que o enfoque seja na Argentina e em Cuba. Digna de nota é Maria Lacerda de Moura, anarquista brasileira que contribuiu frequentemente com artigos sobre gênero e sexualidade em jornais anarquistas espanhóis. Para uma visão geral sobre sua vida, ver CSAPO, Anelise; SCHEMBRI, Elena; GRIGOLIN, Fernanda; VASCONCELOS, Juliana & SILVA, Thiago Lemos. "5 mulheres revolucionárias que lutaram contra o autoritarismo", em As Mina na História, 13 out. 2018.
- 3. Esse interesse tem sido revivido e motivado pela dedicação excepcional de Thiago Lemos Silva e Margareth Rago, especialmente. Ver, por exemplo, RAGO, Margareth & BIAJOLI, Maria Clara Pivato (eds.). Mujeres Libres da Espanha: documento da Revolução Espanhola. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2017; e SAORNIL, Lucía Sánchez. A questão feminina em nossos meios. Seleção, tradução e preparação de textos de Thiago Lemos Silva. São Paulo: Biblioteca Terra Livre, 2015. Ver também o dossiê "Anarquismo: teorias, abordagens e problemas", em Pergaminho, n. 9, ano 9, dez. 2018.
- **4.** De acordo com pesquisadores dos movimentos da nova direita, principalmente a europeia, o ressentimento contra o *establishment* político seria um dos elementos unificadores dos diferentes partidos de direita, além da agenda anti-imigração. Ver "O que unifica a nova direita populista é o ressentimento, diz professor alemão", em *Sul21*, 3 dez. 2018. [N.T.]
- **5.** Para entender a luta contínua da Mulheres Livres por programas revolucionários, mesmo dentro de movimentos de esquerda maiores que aceitaram a "necessidade" da redução de gastos e de construções do Estado,

ver EVANS, Danny. Revolution and the State: Anarchism in the Spanish Civil War, 1936-1939 [Revolução e Estado: anarquismo na Guerra Civil Espanhola]. Londres/Nova York: Routledge, 2018.



Elle com inmenso interes suratro grandices enfuerzo para hacer de VUJIRES LIBRES DA de las revistas feneralmas san herbusas del sondo. Y creeder que no se trata de un

To no he sade smock (eminists, of protition one has sufregistant to han dado a la printiple) pero suratro aprimiento de verduderamente del pulo feminimo. Social y humano del que ilende a cultivar er la sojer todas que cualidades intelestacion y morales interespenda ignoradas per las majeres finades la unyor virto de femerina es la senta lista y esta virtad hasta anora antiqua per un correspio regalivo de la cida. puide agreer and proposed production of the second para converties a successful to the converties and the converties are converties and the converties and the converties and the converties are converties and the converties and the converties and the converties are converties and the converties and converties

Parento tabbien retrater a se Colente y dedicaros la feto de ela pequeña Dirrett.

Ce quetarán avoltrades del estraurdirario parente de si nema con nuestro gran din-

Termino della cartam rogendore, queridas companeras, de envisia una subscrigordo fila de MUZERES Dispuis y do Lodas vocatras publicaciones.

Demontra implien que se excribindada de esa en cuando, a fin de hagerno la instân de que al politica catar seguras de que al ol debec catarral.

Prefácio à segunda edição estadunidense

Escrevo este prefácio¹ com certa ironia. Este não é um momento particularmente propício para as forças progressistas no mundo: a globalização capitalista está avançando rapidamente, e nem indivíduos nem grupos nem Estados são capazes de frear a homogeneização cultural ou a concentração de poder econômico que está ocorrendo mundo afora. Os Estados Unidos buscaram suas aventuras militares no Afeganistão e no Iraque, apesar das milhares de pessoas que tomaram as ruas em protesto. A crescente interdependência econômica e militar, porém, não parece ter reduzido as ameaças de violência ou de ataques terroristas nos Estados Unidos ou em qualquer outro lugar. Então, por que publicar um livro sobre o esforço de criar uma sociedade não hierárquica e igualitária numa época em que realizar essas possibilidades parece inatingível?

Existem, no entanto, sinais esperançosos: milhares participaram de protestos contra a globalização capitalista desenfreada nas reuniões da omo, do Fundo Monetário Internacional (FMI) e do Banco Mundial em Seattle, Quebec,

Gênova, Washington e Doha. Milhares de pessoas tomaram as ruas em fevereiro e março de 2003, e de novo em março de 2004, para protestar contra a ação militar estadunidense no Iraque. Nesse cenário, talvez consigamos aprender com aquelas mulheres que também enfrentaram adversidades aparentemente esmagadoras e conseguiram construir espaços livres, ainda que com duração limitada.

Originalmente, eu tinha alguns objetivos em mente quando escrevi este livro. Primeiro, queria reaver e recuperar a história de um grupo extraordinário de mulheres e do movimento do qual faziam parte. Além disso, esperava tornar acessíveis as experiências e os ensinamentos desse grupo para militantes contemporâneos dos Estados Unidos, sobretudo as feministas. Mesmo que no início do século xx tenham existido correntes anarquistas fortes no país, grande parte dessa história era — e continua sendo — desconhecida, mesmo para ativistas. Mais especificamente, acredito que, enquanto muitos dos grupos feministas da década de 1970 tentaram modificar ou adaptar a teoria socialista para acomodar suas visões e perspectivas, o anarquismo, em oposição a todas as formas de hierarquia, oferecia recursos potencialmente mais frutíferos e produtivos. Dessa forma, um dos meus propósitos ao escrever este livro era oferecer ao público feminista estadunidense um entendimento sobre a teoria e a prática anarquista/libertária e deixar clara sua potencial relevância para as lutas contemporâneas.

É verdade que, mesmo em 1991, o contexto cultural nos Estados Unidos era muito diferente daquele de 1970: o mainstream político havia se dirigido consideravelmente à direita e a noção de que governos existem, pelo menos em parte, para assegurar o bem-estar dos cidadãos já sofria sérias ameaças. Entretanto, parecia útil e importante contar a história

uma geração de militantes que aproveitaram oportunidades com as quais se depararam, mesmo no meio de uma guerra civil, para tentar criar uma sociedade mais justa, na qual mulheres fossem consideradas integrantes completos e iguais.² Além disso, a situação dos Estados Unidos no fim do século xx era bem diferente da espanhola nos primeiros anos daquele mesmo século. Como discuto no capítulo 2, a Espanha nesse período apresentava uma industrialização relativamente recente e era um país caracterizado pelo que agora é chamado de "desenvolvimento desigual". Muitas regiões dependiam de uma base agrícola, pouco modernizada; os níveis de analfabetismo eram altos; as lutas relativas à sindicalização eram frequentemente violentas; e a política — sobretudo no nível nacional — havia muito tempo se caracterizava pelo autoritarismo. Mais ainda, a vida política era agudamente polarizada: organizações de esquerda eram poderosas em algumas áreas (especialmente na Catalunha, em Valência e em Madri) e bem fracas em outras. Mais significativo para essa história é o fato de que o movimento libertário tinha uma presença cultural e política poderosa. Consequentemente, como indico nos capítulos 2 e 4, as militantes que fundaram e foram ativas na Mulheres Livres não estavam agindo no vácuo, mas enraizadas firmemente no movimento libertário e num contexto social altamente politizado.

A sociedade estadunidense era — e é — bem diferente. Primeiramente, como muitos observadores já comentaram, em comparação a muitos dos países europeus, os Estados Unidos carecem de um legado socialista significativo e, mais ainda, de um anarquista/libertário. É verdade que existiram organizações socialistas e também anarquistas no país, especificamente nos primeiros anos do século xx, e que os anarquistas exerceram um grande impacto no movimento de trabalhadores (o IWW, que era

ativo sobretudo em comunidades mineradoras no oeste e em fábricas têxteis no nordeste do país, era um movimento de inspiração anarcossindicalista), nos movimentos antiguerra e pela liberdade de expressão durante a Primeira Guerra Mundial e também no feminismo (nesse período, Emma Goldman, por exemplo, estava ativamente envolvida tanto nas atividades antiguerra como nas feministas). Mas as organizações anarquistas e seus militantes eram também os alvos principais da repressão governamental durante a Ameaça Vermelha:3 muitos, inclusive Emma Goldman e Alexander Berkman, foram deportados ou forçados ao exílio, e boa parte das memórias sobre suas atividades foram deturpadas ou perdidas. Como consequência, as feministas contemporâneas estadunidenses têm menos laços com movimentos políticos de esquerda e menos raízes neles, se comparadas às feministas europeias. Além disso, mesmo quando — nas décadas de 1970 e 1980 algumas militantes dos Estados Unidos tentaram recuperar ou explorar a relevância de outros movimentos políticos e sociais para o feminismo, esses esforços tenderam a ter como foco o socialismo marxista, e não vertentes mais anarquistas — que na Espanha eram chamadas de "libertárias". Assim, este livro pressupõe que a maioria dos leitores estadunidenses não estará especificamente familiarizada com as tradições anarquistas, seja na Espanha, seja no contexto norte-americano.

Uma segunda grande diferença entre a sociedade dos Estados Unidos e a da Espanha tem a ver com o multiculturalismo. Os espanhóis têm enfrentado questões de regionalismo por gerações, mas as diferenças políticas não foram, de maneira geral, articuladas em termos de diversidade étnica. Já a população dos Estados Unidos sempre foi multiétnica e multirracial. Ainda que o autoentendimento do país como um "caldeirão de culturas" tenha frequentemente

ocultado as dificuldades em integrar as diferenças, nas décadas recentes, pelo menos, questões sobre diversidade e multiculturalismo têm estado à frente de muitos debates, tanto acadêmicos quanto políticos. Tais debates formam o cenário no qual este livro foi escrito.

O livro foi traduzido e reimpresso (com algumas adições e modificações incluídas nesta edição) na Espanha em 1999. Sua publicação me deu a oportunidade de visitar algumas cidades espanholas para conversar sobre a Mulheres Livres, a história contemporânea espanhola e as semelhanças e diferenças entre a história e a cultura dos Estados Unidos e da Espanha. O que impressionou, então, foi como nossas histórias radicalmente diferentes pareciam convergir. Muitas das pessoas que participaram das discussões indicaram que a situação espanhola nos últimos anos da década de 1990 havia sido significativamente diferente da de 1930: tinha-se pouca memória sobre as agudas divisões políticas das décadas iniciais do século xx; as organizações e os movimentos de trabalhadores estavam muito mais fracos (devido, não em pequena proporção, às complexidades do mercado globalizado); os movimentos sociais se encontravam também enfraquecidos e fragmentados; e a esquerda sentia certa desconexão com o movimento progressista mais amplo, além da desmoralização que quase se compara à experiência da esquerda nos Estados Unidos.

Também em outro sentido nossas diferentes histórias estão se repetindo em novas formas: o anarquismo parece estar reaparecendo nos Estados Unidos e em muitos outros lugares, mais especificamente no contexto dos protestos antiglobalização. Grupos que se identificam como anarquistas foram ativos nas manifestações contrárias à OMC e à Área de Livre Comércio das Américas (Alca). Mais generalizados, grupos

de inspiração anarquista continuam a se formar pelo país. Feiras de livros e encontros anarquistas aconteceram recentemente em Montreal, San Francisco, Athens (Ohio) e Plainfield (Vermont), para citar somente alguns. Publicações periódicas anarquistas como Fifth Estate, Perspectives on Anarchist Theory, Social Anarchism e outras continuam a oferecer importantes observações e críticas à política e à cultura contemporâneas.

Mas o que podemos concluir sobre esse fenômeno? Meu entendimento é que muitos dos grupos que se autoidentificam como anarquistas e que vêm ganhando tanta atenção da mídia têm como foco a destruição de propriedades e a contestação da ordem, sem nenhum programa claro positivo e reconstrutivo em mente. Esses grupos podem ser considerados muito mais uma reminiscência dos niilistas russos do século xix do que do anarquismo comunista ou coletivista que teve papel muito grande na revolução espanhola. Como notou Rebecca DeWitt alguns anos atrás, em um relatório sobre a atividade anarquista nos protestos anti-омс em Seattle, "fiquei com a impressão da atividade anarquista como um moralismo vazio, uma prática devotada à teoria e uma energia gasta involuntariamente para alavancar políticas reformistas. Os anarquistas precisam ir além dessas armadilhas para formular uma teoria do anarquismo que possa sustentar um movimento político".4 Cindy Milstein argumentou na mesma linha: "É o momento de ir além do caráter de oposição do nosso movimento, infundindo nele uma visão reconstrutiva. Isso significa começar, agora mesmo, a transformar a estrutura do movimento em instituições que concretizem uma sociedade melhor: em resumo, cultivar a democracia direta nos lugares que chamamos de lar".5

É importante lembrar que a grande mídia comercial tende a

veicular em excesso a cobertura de incidentes de destruição de propriedades e a ignorar ou reportar muito pouco as organizações de base de inspiração anarquista que trabalham no cotidiano com resíduos tóxicos, meio ambiente, combate à fome e moradia popular, entre outras causas, e que estão presentes em comunidades pelo país afora. Tais atividades positivas, reconstrutivas e de ação direta tendem a ser relatadas, quando o são, apenas em boletins informativos de menor escala, circulares comunitárias e afins. Como consequência, alguns dos trabalhos mais importantes e realmente revolucionários que estão ocorrendo nos Estados Unidos são praticamente desconhecidos por quem não está diretamente envolvido com eles.6

Em 2004, a situação nos Estados Unidos, e também para além dele, parece ainda mais desmoralizante que há cinco anos. A reedição deste livro nos dá a oportunidade de pensar sobre o que podemos aprender com a luta das mulheres que agiram numa época que era, pelo menos, tão tensa quanto a nossa: quando o mundo estava à beira da Segunda Guerra Mundial e a Espanha, em meio a uma brutal guerra civil. As integrantes da Mulheres Livres se aproveitaram do poder do movimento anarquista mais amplo de que faziam parte — e da revolução social — para imaginar uma sociedade melhor para todos, na qual a participação e a liberação das mulheres fossem elementos centrais. Elas sabiam que a simples oposição ao que existe não é uma base eficiente para a ação revolucionária: em vez disso, era necessário tentar, mesmo que nas menores escalas, construir um novo mundo, mesmo que em meio ao velho. Espero que, neste momento histórico, em que muitos progressistas estão lutando contra sentimentos de aflição, as conquistas da Mulheres Livres possam fornecer centelhas de esperança e talvez até novas direções.

.....

Além das pessoas a quem agradeci na primeira edição do livro, várias outras contribuíram especificamente para esta reedição. Como sempre, sou grata a Federico Arcos pelo apoio ao longo dos anos e pelos esforços em manter esse trabalho "no radar", tanto na Espanha como na América do Norte. Geert Dhondt, da Universidade de Massachusetts; o coletivo Food for Thought Books, em Amherst, Massachussets; Spencer Sunshine, da Universidade da Cidade de Nova York; Chuck Morse, do Institute for Anarchist Studies; e Sandy Feldheim, em Montreal, ajudaram-me — por meio de seus convites e seu interesse pelo livro — a lembrar que há uma audiência contínua para essas ideias. Gostaria também de agradecer a Ramsey Kanaan, Lisa Sousa e ao restante do coletivo AK Press por buscarem este material com a Indiana University Press e adquirirem os direitos do livro para que ele continuasse circulando. Judith Plaskow, minha companheira de vida e de luta, esteve comigo durante todas as transformações deste projeto: editora excelente, sua combinação de inteligência, apoio e estímulo me mantém em caminhos que não consigo nem descrever.

Também gostaria de reconhecer aqui os esforços daqueles que organizaram a publicação do livro na Espanha. Anna Delso e Federico Arcos fizeram contato com Manuel Carlos García na Fundación Anselmo Lorenzo, em Madri, o que finalmente levou à edição espanhola. Manuel Carlos foi um leitor entusiasta e um apoiador amável do projeto. Verena Stolcke, querida amiga e colega, que me incentivava desde antes de eu me dar conta de que estava envolvida nesta pesquisa, dedicou energia considerável para dar à luz este livro na Espanha. Tenho certeza de que não é coincidência o fato de ser ela quem fez a conexão entre mim, Patric de San Pedro e a Virus Editorial. Por isso, e por

muitas outras coisas, sou profundamente agradecida. Karin Moyano passou muitas horas pesquisando, em minha biblioteca, minhas anotações e fotocópias para encontrar a versão original das citações do livro. E Antonia Ruiz foi tudo o que uma autora espera de uma tradutora: cuidadosa e entusiasmada. Sou grata a todos eles.

Finalmente, não posso terminar esta breve nota sem lembrar das mulheres cujas palavras aparecem neste livro, mas que já não estão entre nós. Conforme o tempo passa, esse número continua a aumentar. Pura Pérez Benavent Arcos, Soledad Estorach, Suceso Portales e Azucena Barba faleceram sem poder ter lido o livro em seu próprio idioma. Cada uma delas me recebeu em sua vida e em sua intimidade, compartilhou memórias e ajudou a traduzir os eventos de seu tempo em palavras e imagens que eu pudesse compreender. Sou profundamente grata por esse presente. Dedico este volume à memória dessas mulheres.

^{1.} Prefácio escrito em 2005 e revisado em 2014.

^{2.} O contexto político ainda é diferente em 2004, mas, exceto por este prefácio, decidi não tentar reescrever ou atualizar de qualquer forma o livro para abordar essa questão.

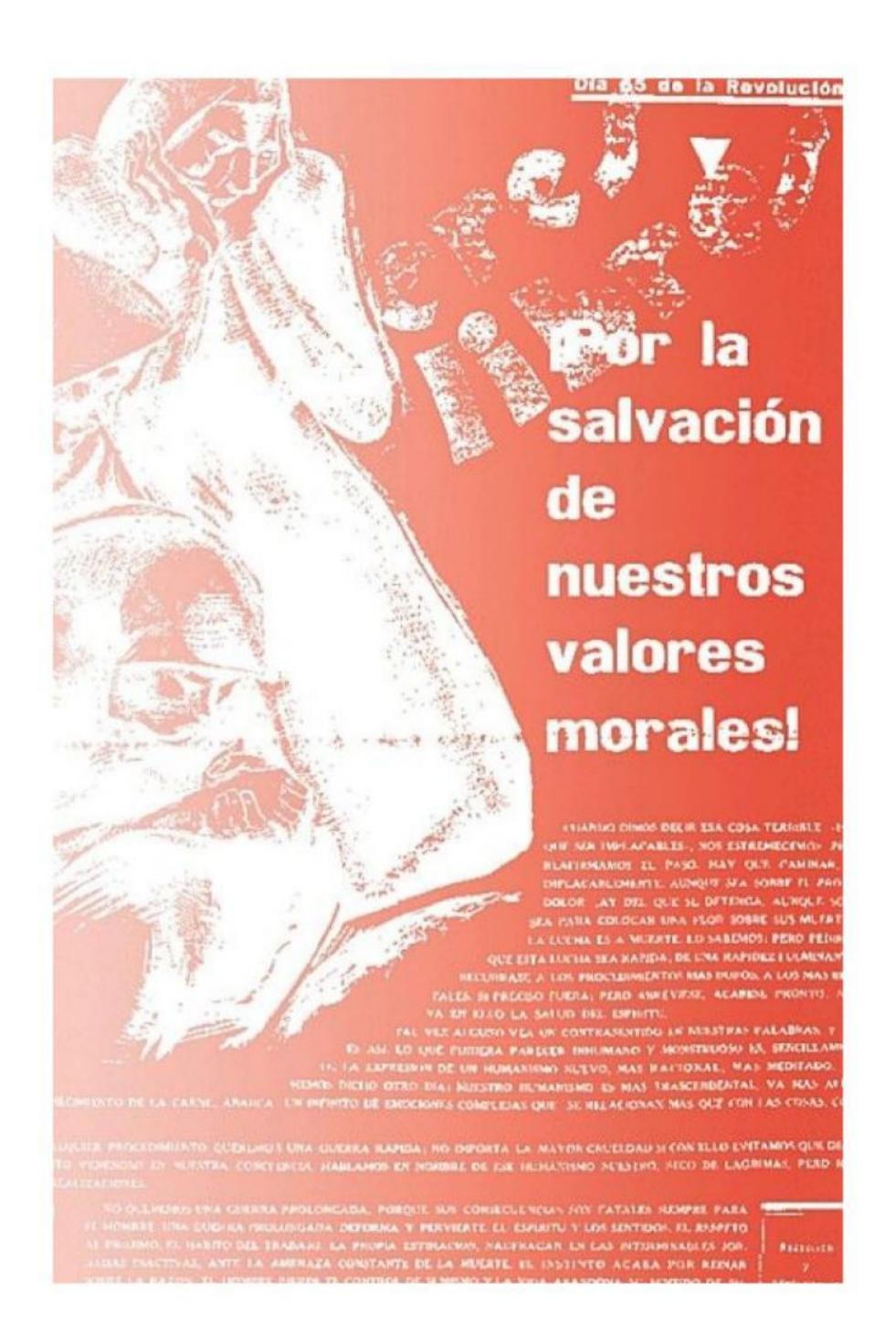
^{3.} Esse termo se refere a períodos na história dos Estados Unidos marcados por fortes sentimentos e ideologias anticomunistas. O primeiro deles, ao qual a autora se refere, vai de 1917 aos primeiros anos da década de 1920, e foi muito influenciado pela Revolução Russa. O segundo diz respeito principalmente aos quinze anos que se seguiram ao término da Segunda Guerra Mundial, tendo sido caracterizado pela Guerra Fria e pelo macarthismo. [N.T.]

^{4.} DEWITT, Rebecca. "An Anarchist Response to Settle: What Shall We Do With Anarchism?" [Uma resposta anarquista para elaborar: o que devemos fazer com o anarquismo?], em *Perspectives on Anarchist Theory*, v. 4, n. 1, 2000, p. 2.

^{5.} MILSTEIN, Cindy. "Reclaim the Cities: From Protest to Popular Power"

[Recuperar as cidades: do protesto ao poder popular], em *Perspectives on Anarchist Theory*, v. 4, n. 2, 2000, p. 4.

6. Sou grata a Lisa Sousa por me lembrar dessa questão.



Introdução

Em 1936, grupos de mulheres de Madri e Barcelona fundaram a organização Mulheres Livres, dedicada à libertação das mulheres "de sua tripla escravidão: a escravidão da ignorância, a escravidão como mulher e a escravidão como trabalhadoras". Embora tenha durado menos de três anos (suas atividades foram interrompidas bruscamente em fevereiro de 1939, com o triunfo das forças franquistas e o fim da Guerra Civil Espanhola), a Mulheres Livres mobilizou mais de vinte mil integrantes e desenvolveu uma extensa rede de atividades concebidas para empoderar a mulher como indivíduo e, ao mesmo tempo, construir um sentido de comunidade. Assim como o movimento anarcossindicalista espanhol — no qual essas mulheres iniciaram sua prática militante —, a Mulheres Livres insistia que o desenvolvimento individual completo da mulher dependia do desenvolvimento de um forte sentimento de conexão com outros indivíduos. Nesse sentido, o grupo é uma alternativa ao individualismo que caracteriza os movimentos feministas mainstream, daquela época e também da nossa.1

A história de como descobri essas mulheres e suas atividades abarca muitos anos e muitos quilômetros, pesquisas em arquivos, entrevistas e conversas com militantes da organização. Minha compreensão da importância de suas aspirações e conquistas, porém, está intrinsecamente relacionada aos

esforços mútuos e progressivos de nos comunicarmos, apesar das diferenças culturais, etárias, de classe social e contexto político que nos separavam. Como muitas dessas mulheres me receberam na própria casa e compartilharam suas histórias, tentei escutá-las sob suas próprias condições, além de levar em conta tanto nossas semelhanças como nossas diferenças. Já que estudei com profundidade as questões de identidade, diferença, comunidade e empoderamento — que ora deram forças, ora desmoralizaram os movimentos por direitos civis, assim como os pacifistas e as feministas nos Estados Unidos —, aprecio profundamente a perspectiva que a Mulheres Livres tem a oferecer para feministas e ativistas contemporâneas. Este volume deriva, em parte, do meu desejo de fazer com que sua história seja mais acessível.

Na primeira parte desta introdução, apresento as mulheres que são os sujeitos da história que se desenvolve no restante do livro. Na segunda parte, exponho os temas e as questões que compõem a base teórica do volume.

A primeira integrante da Mulheres Livres que conheci foi Suceso Portales,2 que passava o verão de 1979 na pequena cidade de Móstoles, nos arredores de Madri. O caminho que me levou até ela chega a ser caricato de tão complicado. Estava pesquisando sobre o processo de coletivização rural e urbana na Espanha durante a guerra civil e conheci alguns jovens anarquistas em Madri e Barcelona. Entre eles, algumas mulheres tinham formado havia pouco um grupo chamado Mulheres Livres. Nas duas cidades, elas me disseram ter tentado entrar em contato várias vezes com as viejas [velhas] que pertenceram à Mulheres Livres original. Aparentemente, esses foram caracterizados aconteceram encontros e majoritariamente por discussões e mal-entendidos. Quando

finalmente encontrei alguém que pudesse me dar o nome e o endereço de uma delas, Suceso Portales, as informações vieram acompanhadas de avisos: "Você não vai gostar dela", me disseram, "ela é reacionária e tem ideias muito estranhas".³

Apesar das advertências, Suceso, assim como quase todas as mulheres do movimento que conheci, cativou-me imediatamente. Com cerca de 65 anos, era muito animada e ativa e tinha cabelos grisalhos. Sua neta, na época com onze anos, entrava e saía do pequeno cômodo onde nos encontramos, ocasionalmente escutando a conversa e fazendo perguntas, às quais Suceso respondia com cuidado, paciência e respeito. Conversamos por horas sobre sua experiência na CNT e na FIJL;⁴ sobre a necessidade que sentia de uma organização de mulheres independente e autônoma que trabalhasse nos marcos ideológicos e políticos do movimento libertário;⁵ sobre sua avaliação acerca das conquistas e das decepções da Mulheres Livres; e também sobre o feminismo contemporâneo.

Suceso se filiou à Mulheres Livres na Regional Centro em 1936 e atuou como vice-secretária da organização. Ela me falou de como o movimento estava direcionado a mulheres da classe trabalhadora, da ênfase em educação e empoderamento e da relação com o movimento anarcossindicalista. Mas o que mais me fascinou e me deixou perplexa e intrigada foi sua atitude em relação ao feminismo e às feministas — a qual, em muitos sentidos, refletia a atitude das jóvenes [jovens] em relação à Mulheres Livres original. "Não somos — e não éramos — feministas", ela insistiu. "Não estamos brigando contra homens. Não queremos substituir uma hierarquia masculina por uma feminina. É necessário trabalhar e lutar juntos, porque, do contrário, nunca teremos uma revolução social. Mas precisávamos de uma organização própria para lutar por nós

mesmas."

Fiquei surpresa com a suposição de que "feminismo" significava oposição aos homens ou desejo de substituir a hierarquia masculina por uma feminina. Sou produto do movimento feminista estadunidense dos anos 1970 e sempre entendi que feminismo significava oposição a hierarquias de todos os tipos. Ainda assim, estava começando a olhar para a fonte de algumas tensões e mal-entendidos entre as jovens madrilenhas que se definiam como feministas e essa veterana, para quem feminismo era um anátema. Mais tarde, descobri que essas diferenças de percepção não eram uma exclusividade de Suceso. Durante os três anos de existência da Mulheres Livres, e até hoje, suas integrantes se haviam comprometido com a emancipação das mulheres sem se definirem como feministas.

Grande parte da minha fascinação pela Mulheres Livres vinha do desejo de entender essa distinção e também seu significado. O que significava o fato de essas mulheres não se identificarem como feministas? Rapidamente, comecei a suspeitar que, ainda que os contextos políticos da Espanha da década de 1930 e dos Estados Unidos da década de 1980 fossem bastante distintos, poderia haver algumas semelhanças entre a recusa de identificação com o feminismo por parte da Mulheres Livres e a hesitação de muitas mulheres da classe trabalhadora e de mulheres não brancas nos Estados Unidos em adotar o rótulo de feministas. Haveria aqui uma possibilidade de aprendizado para as militantes contemporâneas, que tanto lutam contra a acusação de que o feminismo seria um movimento de classe média branca?

Mas minha fascinação ia além. Suceso se lamentava da visão estreita das feministas contemporâneas, da falta de orientação

ideológica e organizativa: "Falta-lhes muita formación libertaria [um termo muito usado em círculos anarquistas/libertários para se referir à base ideológica]. Nós tínhamos uma visão mais ampla". De acordo com Suceso, as jóvenes não entendiam o que significava ação direta ou qualquer outro princípio básico da organização libertária; elas desconfiam de organizações mais formais com medo de criar novas hierarquias, "mas assim você não consegue concluir nada". Além disso, elas dão muita atenção ao aborto, ao controle reprodutivo e à sexualidade: "É verdade que a sexualidade de uma mulher diz respeito somente a ela, mas por que é necessário converter esses temas em questão política?". Finalmente, lançou a pergunta: "Como podem se chamar de feministas se andam por aí usando cruzes?".7

Não tenho resposta para algumas dessas perguntas. Desconcertava-me — e ainda me desconcerta — o evidente desconforto de Suceso e de outras militantes da Mulheres Livres em abordar "politicamente" questões "pessoais", como amor e sexualidade. O feminismo me ensinou que "o pessoal é político". Por acaso o anarquismo não tem as mesmas reivindicações? As respostas às outras perguntas se mostraram mais simples, ainda que, muitas vezes, também surpreendentes. Aquilo que ela havia descrito como "mulheres que usam cruzes", por exemplo, se referia às jovens que usam símbolos (\$\Pe\$) para se identificar como feministas.\(\Pext{8}\)

A segunda veterana que conheci, Lola Iturbe,⁹ havia sido uma grande entusiasta da Mulheres Livres, mas não chegou a ser militante. Ela e seu companheiro, Juanel (Juan Manuel Molina, antigo secretário da FAI), editaram o jornal anarquista Tierra y Libertad em Barcelona. Lola falou sobre ter crescido numa família pobre, como filha de mãe solo, na capital catalã na

virada do século xx. Ela nasceu em 1902 e aos nove anos começou a trabalhar como aprendiz de costureira em jornadas longuíssimas muito mal remuneradas (recebia cinquenta centavos por semana). Sua mãe tinha uma pensão frequentada por "homens da organização". Por meio desses hóspedes, Lola conheceu a CNT e se sentiu acolhida, algo que nunca havia sentido em meio à sociedade em que vivia. Quando tinha entre catorze e quinze anos, juntou-se à organização. Foi Lola quem me contou, em uma de nossas conversas, que Mercedes Comaposada, uma das três fundadoras da Mulheres Livres, ainda estava viva e morava em Paris.

Antes de conhecer Mercedes, porém, ocorreu coincidência. Eu estava entrevistando Eduardo Pons Prades, então jornalista do Diario de Barcelona, sobre suas experiências com a indústria de madeira coletivizada na Catalunha durante a juventude. Ele me orientou a ir até a cidade de Perpignan, na França, bem na fronteira com a Espanha, para conhecer Jacinto Borrás, ex-ativista da CNT e editor de um jornal que se dedicava aos coletivos rurais da Catalunha. Contei a Borrás, então, que interessada em conhecer mulheres que participado da revolução. Primeiro, sua resposta entusiasmada. Mas, quando perguntei por nomes e endereços, ele não conseguiu pensar em alguém que estivesse em condições físicas e mentais de conversar comigo. Esse tipo de reação já havia se tornado familiar para mim: poucos homens militantes com quem conversei pareciam levar a sério a maioria das companheiras.

Apesar disso, pressionei-o para que mencionasse pelo menos uma mulher que estivesse disposta a conversar. Ele hesitou e então chamou sua filha, Eglantina. Ela pegou o telefone e, desde o momento em que responderam do outro lado da linha, eu soube que Azucena Fernández Barba¹² era alguém que eu definitivamente precisava conhecer. O rosto de Eglantina se iluminava enquanto ela falava. Depois de colher algumas flores no jardim — Azucena adorava flores, Eglantina me disse —, ela me conduziu ao seu carro e saímos em direção ao apartamento de Azucena, do outro lado da cidade.

Azucena nasceu em Cuba em 1916, filha de espanhóis exilados. Ela só foi para a Espanha quando seus pais voltaram do exílio, em 1920. Quando a conheci, encontrei-a sentada em sua pequena sala de jantar, rodeada de plantas. Ela me contou, animada, suas experiências durante os anos anteriores à guerra e a história da família. Azucena, suas seis irmãs e seu irmão foram "criados no anarquismo, com o leite de nossa mãe". Seu avô, Abelardo Saavedra, um dos primeiros operários que pregaram o anarquismo na Espanha, foi preso repetidamente e depois exilado por ter cometido o crime de alfabetizar trabalhadores migrantes na Andaluzia. Como resultado, Azucena e alguns de seus irmãos nasceram em Cuba.

Fiquei muitas horas com ela, escutando como havia sido crescer numa família anarquista, lembranças sobre a entrada e a participação nas atividades anarquistas e considerações sobre como ela via a complicada situação das mulheres no movimento anarcossindicalista espanhol.¹³ Ela insistiu que eu deveria conversar com sua irmã, Enriqueta: ela, sim, tinha sido militante e membro da Mulheres Livres mais ativamente.

Apenas seis meses depois tive a oportunidade de conhecer Enriqueta Fernández Rovira. En já percebera que a simples menção de seu nome provocava a mesma reação em todas as outras mulheres com quem conversei: "Ah, Enriqueta", diziam, suspirando, com voz emocionada, tensionando os ombros e cerrando os punhos como se fossem pugilistas (dadas as devidas

proporções, considerando que já se tratava então de frágeis senhoras). Mesmo com essa ideia um pouco já preconcebida sobre Enriqueta, descobri que não estava completamente preparada para a força de sua presença.

Conheci Enriqueta em circunstâncias nada ideais. Era o feriado de Natal na França, e sua pequena casa estava agitada com a presença de quatro netos. Conseguíamos conversar quando eles iam dormir, ou entre os momentos em que interrompiam a avó para pedir-lhe um lanche no meio da manhã ou permissão para alguma brincadeira. Todas as frustrações de Enriqueta com os "maus modos" dessas crianças cheias de energia proporcionavam um contraponto agridoce às histórias de como, por exemplo, ela própria era considerada detentora de impulsos e ações escandalosos, mesmo por seus parentes anarquistas, quando ia viajar com os amigos para o campo ou à praia em excursões mistas de bicicleta, no começo da década de 1930.

Enriqueta também nasceu em Cuba, em 1915, e foi para a Espanha com o restante da família em 1920. Atividades anarquistas eram frequentes em seu círculo familiar, dentro e fora de casa, e "as ideias", parte corriqueira das conversas. Em muitos sentidos, seus pais representavam duas das diferentes vertentes do anarquismo predominantes no movimento naqueles anos. Ela me explicou assim:

Meu pai era um homem de ideias, um anarquista, mas era também mais pacifista que minha mãe. Ele se sentia mal se visse uma única gota de sangue. Era revolucionário, mas pacifista. Acreditava que a revolução deveria acontecer pela cultura e pela educação. Odiava armas. Nunca quis nem olhar para elas. Não era seu estilo. Ele era mais tranquilo. Minha mãe, não. Ela era mais militante. 15

Enriqueta e os irmãos aprenderam desde cedo que ser membro de uma comunidade era estar disponível para cuidar dos demais e disposto a se dedicar de corpo e alma à causa em comum. As ideias que compartilhavam com outras pessoas — em especial nos grupos de jovens de inspiração anarquista nos quais Enriqueta e Azucena eram bastante ativas — estreitavam seus laços, ao mesmo tempo que os separavam de quem não fazia parte dessas comunidades:

Naqueles dias, éramos as putas, as loucas, porque éramos aquelas que queriam mover as coisas para a frente. Lembro que, quando meu pai morreu — foi muito triste —, minha mãe disse: "Papai não queria rosas, mas eu quero. Vá e compre uma dúzia de rosas para seu pai". Então fui à florista, que me disse: "Como assim, seu pai morto e você aqui?". Respondi: "O que uma coisa tem a ver com a outra? Você acha que não estou triste só porque estou aqui? Acha que não sinto a dor da morte do meu pai? Vim comprar rosas para ele". Ela respondeu, então: "Mas não é seu papel, querida, seu papel agora é ficar em casa. Joaquín é quem deveria vir comprar as flores. E você não está usando preto?". Respondi: "Não, carrego minha dor dentro de mim, não a carrego por fora". 16

Para Enriqueta e sua família, sempre havia existido, desde os tempos de que tinha memória, um compromisso com os valores anarquistas. A participação das crianças em grupos e atividades patrocinadas pelas organizações do movimento libertário aprofundou esse compromisso e o converteu numa parte importante de suas vidas. A comunidade lhes dava força para enfrentar a troça dos vizinhos, assim como o ceticismo de seus próprios pais — anarquistas — sobre o quão apropriado era que as jovens participassem de excursões e atividades mistas com os meninos do grupo. Essa convivência permitiu às meninas que encontrassem a própria voz, sonhassem os próprios sonhos e

acreditassem nas aspirações que haviam aprendido com seus pais — as quais, com o tempo, transformaram em suas próprias. Por causa do envolvimento duradouro com o movimento, Enriqueta foi escolhida pela CNT para um trabalho muito delicado: seria operadora da central telefônica de Barcelona durante a guerra. Continuou militando no movimento libertário e na CNT e, com o tempo, afiliou-se à Mulheres Livres.

Foi também Eglantina quem me ajudou a conhecer Sara Berenguer Guillén,17 que foi secretária de propaganda da Mulheres Livres na Catalunha. Eglantina me pegou de carro numa manhã de dezembro na casa de Azucena, em Perpignan, e me levou até a linda casa de Sara e seu companheiro, Jesús Guillén, na cidadezinha de Montady. Sara é uma mulher pequenina, que, apesar das muitas visitas de amigos e familiares naqueles dias após o Natal, arranjou tempo para me contar suas experiências. Quando retornei para uma segunda conversa, alguns anos depois, Sara me recebeu tão bem quanto da primeira vez. Passamos dias muito produtivos juntas, falando sobre a Mulheres ininterruptamente entrevistando outras mulheres da região que se envolveram com a organização, e também com outras do movimento libertário. Entre essas mulheres estavam Teresina Torrelles Graells, Conchita Guillén¹⁸ e Amada de Nó.¹⁹

Sara não fora membro de nenhuma das organizações do movimento libertário antes da guerra. Seu pai era da CNT, e ela começou a trabalhar na organização depois da eclosão do conflito, quando o pai foi para o front e ela quis fazer algo para "ajudar a revolução": juntou-se à Mulheres Livres em 1937. Inicialmente, ela se opunha à ideia de uma organização separada, apenas de mulheres:

Eu não concordava com a ideia da Mulheres Livres. Pensava que a

luta afetava tanto as mulheres como os homens. Todos nós estávamos lutando por uma sociedade melhor. Por que deveria haver, então, uma organização separada? Um dia, quando eu estava com um grupo das Juventudes, fomos a uma reunião que a Mulheres Livres havia organizado na sede da FIJL, que também era um escritório. Os rapazes começaram a tirar sarro das meninas que estavam conduzindo a reunião, o que me irritou profundamente. Quando a mulher que estava falando terminava, os rapazes faziam perguntas e diziam que não tinha sentido as mulheres se organizarem em separado, já que não fariam nada efetivamente. O tom desses comentários me enfureceu, e passei então a defender a Mulheres Livres. No final, me nomearam delegada de nosso bairro para a reunião da Federação Local de Mulheres Livres em Barcelona.²⁰

Além da militância na Mulheres Livres durante a guerra, Sara participou do comitê revolucionário de seu bairro, Les Corts, e foi secretária do comitê regional das indústrias de edificação, madeira e decoração da Catalunha. Também trabalhou para a Solidaridad Internacional Antifascista [Solidariedade Internacional Antifascista] (SIA), organização internacional anarquista de assistência. Fugiu para a França quando os franquistas entraram em Barcelona, em janeiro de 1939, e ali viveu exilada todos esses anos, participando do movimento clandestino dos exilados espanhóis. No início da década de 1960, participou na publicação da revista Mujeres Libres, junto com Suceso Portales. Escreveu vários volumes de poesia e, na década de 1970, publicou suas memórias dos anos de guerra.21

Porém nem todas que se envolveram na organização vieram de famílias anarquistas. Os pais de Pepita Carpena,²² por exemplo, nascida em Barcelona no fim de 1919, pertenciam à classe trabalhadora, mas mostravam pouquíssimo ou nenhum interesse por organizações ativistas de base. Ela foi apresentada

às "ideias" em 1933 por sindicalistas anarquistas que iam a encontros de jovens com o objetivo de contatar possíveis novos membros.²³

Eles iam aos bailes e às atividades e procuravam os rapazes, sempre os rapazes, e lhes contavam sobre os encontros nos sindicatos. Eles acabavam indo. Como eu sempre andava mais com meninos que com meninas, quando eles vieram convidar meus amigos, fui também. E aí comecei a me envolver com a CNT.²⁴

O sindicato dos metalúrgicos a transformou quase numa mascote, e aquele ambiente passou a ser seu segundo lar. Quando seus pais se opuseram a que fosse às reuniões noturnas, Pepita convenceu o pai a acompanhá-la. Depois de conhecer as pessoas e ver como Pepita era tratada, ele nunca mais reclamou. Ao contrário, gabava-se para seus amigos de que a filha estava libertando o proletariado.

Por causa da relação com os metalúrgicos, Pepita logo aprendeu sobre os sindicatos e o anarcossindicalismo. Com o apoio deles, organizava as jovens colegas com quem trabalhava como costureira, e, quando o chefe a demitiu com um pretexto qualquer por causa de suas atividades sindicais, os companheiros sindicalistas a ajudaram a reivindicar seus direitos e conseguiram que fosse recontratada. Pepita continuou a militância na CNT e nas Juventudes Libertárias ao longo da primeira metade da década de 1930 e também no primeiro ano da guerra. Quando seu companheiro foi morto, ainda no início do conflito, o sindicato dos metalúrgicos pagou a ela o salário dele, o que permitiu que continuasse a organizar as trabalhadoras no esforço comunitário exigido pelo combate. Pepita descreve a si mesma como alguém que sempre soube da igualdade da mulher em relação ao homem, mas no início era

indiferente à criação de uma organização especificamente feminina. A experiência nas Juventudes, porém, não demoraria a despertá-la para essa necessidade. Foi assim que chegou a ser membro do comitê regional da Mulheres Livres na Catalunha durante 1937 e 1938.²⁵

Pepita, mais que todas as outras, conseguiu se comunicar com as jovens militantes apesar das barreiras de tempo, classe e espaço. Ela estava informada sobre os debates feministas contemporâneos, mesmo que às vezes estivesse em desacordo com os termos sobre os quais são formulados. Como arquivista e encarregada da sucursal de Marselha do Centre Internationale de Recherches sur l'Anarchisme [Centro internacional de pesquisa sobre o anarquismo], Pepita viajava frequentemente pela Espanha e Europa, falando sobre a revolução e sobre suas atividades com a Mulheres Livres. A franqueza e a disposição para conversar sobre temas que eram polêmicos na organização fizeram com que ela se transformasse em uma fonte de informação valiosa, além de uma amiga muito especial.

Conheci Mercedes Comaposada em Paris, em janeiro de 1982, em uma quitinete cheia de livros onde morava havia 43 anos. Seu companheiro, o artista e escultor Lobo, vivia no apartamento ao lado. Todo mundo a descrevera como uma mulher muito bonita, delicada e frágil. Realmente, ela era muito pequena, mas também muito vivaz, e estava em pleno controle de suas faculdades mentais. Nas ocasiões em que saímos para passear, eu me surpreendia com a rapidez com que ela parecia correr pelas ruas. Prestes a completar noventa anos, conservava essa presença "distinta" que tanto a caracterizava sob os olhos das jovens com quem teve contato na Mulheres Livres.

Mercedes nasceu em Barcelona em 1900, e seu pai era um socialista muito comprometido com a causa. Quando era adolescente, foi estudar em Madri e ali descobriu a CNT. Quando convidada pelos companheiros da organização a dar uma série de aulas na sede do sindicato, ficou espantada com a maneira como as mulheres eram tratadas e, pouco depois, junto com Lucía Sánchez Saornil,²⁶ que vivera experiências similares, comprometeu-se a instruir e educar mulheres para que desenvolvessem todo o seu potencial. Dentro de alguns anos, seu sonho tomou forma com a Mulheres Livres.

Mercedes insistiu no fato de que "nós nunca nos denominamos 'fundadoras', apenas iniciadoras". O rechaço ao uso do termo tem a ver com a rejeição ao poder pessoal e à autoridade. Mercedes claramente se vê como a única porta-voz legítima da Mulheres Livres. Ela vem trabalhando há alguns anos para organizar e editar os documentos do grupo e se mostra cautelosa em relação àqueles que querem publicar ou dissertar sobre o tema antes do término de seu trabalho. Além de ter recusado todos os convites para falar sobre a Mulheres feministas Livres encontros e/ou em (aparentemente preocupada que seus comentários fossem tirados de contexto ou mal interpretados), ela também criticou as integrantes que participaram desses eventos. A justificativa era que essas mulheres eram muito novas quando participaram da organização, ou que passaram a fazer parte do grupo muito tarde para entender seu real significado e funcionamento. Sua posição acerca do tema é obviamente complicada, e por isso nossa relação foi um pouco problemática.

Mas foi por meio de Mercedes que conheci Soledad Estorach,²⁷ uma das pioneiras do grupo de Barcelona que se tornaria parte da Mulheres Livres no outono de 1936. Quando a encontrei, em Paris, em janeiro de 1982, ela aparentava ter muito menos que 66 anos. Passamos muitas horas em seu